



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**JEAN FELIX BORGES**

**TESSITURAS DO EU: A EMERGÊNCIA DO CORPO FEMININO VÍTIMA DE  
VIOLÊNCIA SEXUAL NA LITERATURA BRASILEIRA DE AUTORIA FEMININA  
(1973-2017)**

**CAMPINA GRANDE  
2023**

**JEAN FELIX BORGES**

**TESSITURAS DO EU: A EMERGÊNCIA DO CORPO FEMININO VÍTIMA DE  
VIOLÊNCIA SEXUAL NA LITERATURA BRASILEIRA DE AUTORIA FEMININA  
(1973-2017)**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento de História do Centro de Educação da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

**Área de concentração:** Estudos do Brasil

**Linha de pesquisa:** Gênero, sexualidade e corpo

**Orientador:** Prof. Dr. José dos Santos Costa Júnior

**CAMPINA GRANDE  
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B732t Borges, Jean Felix.  
Tessituras do Eu [manuscrito] : a emergência do corpo feminino vítima de violência sexual na literatura brasileira de autoria feminina (1973-2017) / Jean Felix Borges. - 2023.  
36 p.  
  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2024.  
"Orientação : Prof. Dr. José dos Santos Costa Júnior, Departamento de História - CEDUC."  
1. Literatura brasileira. 2. Violência sexual. 3. Escrita feminina. I. Título  
  
21. ed. CDD 801.95

**JEAN FELIX BORGES**

**TESSITURAS DO EU: A EMERGÊNCIA DO CORPO FEMININO VÍTIMA DE  
VIOLÊNCIA SEXUAL NA LITERATURA BRASILEIRA DE AUTORIA FEMININA  
(1973-2017)**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento de História do Centro de Educação da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

**Área de concentração:** Estudos do Brasil

**Linha de pesquisa:** Gênero, sexualidade e corpo

Aprovada em: 04/12/2023.

**BANCA EXAMINADORA**

Jose dos Santos Costa Júnior

Prof. Dr. José dos Santos Costa Júnior (UEPB – Orientador)

Hilmária Xavier Ribeiro

Profa. Dra. Hilmária Xavier Ribeiro (UEPB)

MARIA LETÍCIA COSTA VIEIRA

Profa. Ma. Maria Letícia Costa Vieira (UFCG)

*Em memória da minha avó, Francisca Maria da Conceição, morta e estuprada pelo homem do patriarcado. E, ao meus pais, Carlos Antônio Borges e Maria de Fatima Felix Borges, por nunca desistirem de mim, DEDICO.*

“Distraídas mãos masculinas percorrem joelho, ombro, seios, bunda, coxa, vagina... na cozinha de casa, na sala de aula, no escritório, no parquinho, no asilo, no hospital... o balançar do ônibus ou do metrô é desculpa para encosta-se, roçar-se no corpo alheio e ejacular sobre a saia, a blusa, os cadernos, a bolsa... toque sem consentimento... dedos pedem silêncio, juntam-se ao redor do pescoço feminino para sufocar-lhe a voz.. A sociedade busca sempre um monstro ou um louco para justificar o abuso, o assédio, a importunação, quando na verdade temos o pai amoroso, o filho querido, o amigo de infância, o vizinho prestativo, o padrinho zeloso, o irmão protegido, o avô cuidadoso, o tio que vem nos visitar, primo distante, o marido fiel, o namorado carinhoso, o padrasto rígido, o patrão exigente, o colega simpático, o conhecido brincalhão, o funcionário exemplar, o brother do futebol, o amigão da mesa do bar, o irmão da igreja...  
**INSUSPEITOS, IMPUTÁVIES,  
INOCENTES...”**

(Irandá Barbosa).

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO: <i>um ausente sempre presente</i></b> .....	7
<b>2 A PROVENIÊNCIA DE UMA ESCRITA FEMININA</b> .....	15
<b>3 A DÉCADA DE 1970 E O ANO INTERNACIONAL DA MULHER</b> .....	17
<b>4 O CORPO QUE EMERGE DO SÓTÃO À SALA</b> .....	20
<b>5 SÉCULO XXI: AS VOZES QUE SE FAZEM OUVIR NA SALA</b> .....	24
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	27
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	29

## TESSITURAS DO EU: A EMERGÊNCIA DO CORPO FEMININO VÍTIMA DE VIOLÊNCIA SEXUAL NA LITERATURA BRASILEIRA DE AUTORIA FEMININA (1973-2017)

Jean Félix Borges<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste artigo nos questionamos acerca de como foi possível a emergência do corpo feminino vítima de violência sexual na literatura de autoria feminina no Brasil contemporâneo entre 1973 e 2017. Para tanto, utilizamos quatro romances de autoria feminina, a saber: *As meninas* (1973), de Lygia Fagundes Telles; *As parceiras* (1980), de Lya Luft; *Suíte de silêncio* (2012), de Marília Arnaud e *Todos os abismos convidam para o mergulho* (2017), de Cinthia Kriemler. Para pensarmos esse processo, utilizamos a categoria analítica da genealogia foucaultiana, pensando a proveniência de uma escrita feminina para, enfim, perceber esse processo de emergência do corpo sexualmente violado enquanto objeto de escrita feminina. Articula-se uma pesquisa documental e bibliográfica lida a partir da perspectiva da história do corpo e da subjetividade, possibilitando inferir sobre a articulação entre o surgimento desse conjunto de escritas como um sintoma do feminismo como agenda ética e política para o Brasil contemporâneo.

**Palavras-chave:** História e Literatura; História da Subjetividade; Escrita Feminina.

**Abstract:** In this article we question about how the emergence of the female body victim of sexual violence was possible in the literature of female authorship in contemporary Brazil between 1973 and 2017. For this, we use four novels of female authorship, namely: *As meninas* (1973), by Lygia Fagundes Telles; *As parceiras* (1980), by Lya Luft; *Suíte de silêncio* (2012), by Marília Arnaud and *Todos os abismos convidam para o mergulho* (2017), by Cinthia Kriemler. To think about this process, we use the analytical category of Foucault genealogy, thinking about the provenance of a female writing to finally perceive this process of emergence of the sexually violated body as an object of female writing. It articulates a documentary and bibliographical research read from the perspective of the history of the body and subjectivity, the articulation between the emergence of this set of writings as a symptom of feminism as an ethical and political agenda for contemporary Brazil.

**Keywords:** History and Literature; History of Subjectivity; Female Writing.

---

<sup>1</sup> Graduando em História na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: jean.borges@aluno.uepb.edu.br

## 1 INTRODUÇÃO: *um ausente sempre presente*

### *Cena 1*

Incompreensão. Foi este o sentimento que se inscreveu no corpo e descreveu o olhar marejado de uma criança diante do incompreensível para a sua idade. Apesar de incompreensível, aquilo marcaria a sua pré-adolescência, adolescência e juventude. Lágrimas jorraram dos seus olhos na mesma frequência em que o sangue escoava da sua genitália. Gritos. Dores inaudíveis irrompiam do mais profundo de sua alma e mesmo não compreendendo totalmente o que lhe ocorreu, sentiu um profundo pesar lhe abater. Desesperado e assolado pelo terror diante do incompreensível, pois, indizível para a sua idade, buscou abrigo, segurança e refrigério nos braços de sua mãe.

Mãe! Gritou a criança que se sentia amedrontada. Apesar da pouca idade, sentiu o peso da moralidade do patriarcado que, diante de uma violação sexual, tende a julgar e condenar a vítima enquanto absolve o agressor. Isso ocorre na medida que a violação sexual do corpo (havendo conjunção carnal ou não), "é o único crime diante do qual as pessoas reagem querendo aprisionar a vítima" (ABDULALI, 2019, p. 13). Entretanto, mesmo temendo o julgamento e a condenação pelo ato que havia sido induzido a cometer, agarrou-se ao fio de coragem que lhe restava e mais uma vez gritou: "Mãe! Tá sangrando! Tá doendo". É certo que essa criança não sabia que o apoio familiar era negado em muitas situações semelhantes no Brasil. Fato que contribui para a "denegação" do trauma sofrido, a saber, a negação e ocultação da violência sofrida por parte das vítimas, que tendem a afirmar que o fato não aconteceu, tanto para si, quanto para os outros (FIGUEIREDO, 2020, p. 264).

Porém, caso raro de se ver ou eventualidade do destino, a mãe do menino, prevendo algum desatino, lhe respondeu: "O que foi? O que aconteceu?" Correu em sua direção e, ao encontrá-lo, se deparou horrorizada diante da sua imagem: cabisbaixo, com lágrimas de incompreensão escorrendo sobre a sua face, com o pênis deflorado sobre as mãos, na tentativa de estancar o sangue que o maculava.

Desesperada, sem muito entender, diante da imagem do terror, a mãe lhe perguntou o que ele fez. Inocente acerca do que havia acontecido, a criança sufocou o choro por alguns minutos. Secou as lágrimas e articulou algumas poucas palavras, em meio à sua confusão. Passou a contar a sua história: o moço, do qual não se lembrava o nome nem a fisionomia – mas que se fazia presente por meio de vultos e imagens turvas que emergiam da sua memória –, havia lhe dito que devia fazer buracos nas bonecas e, em seguida, penetrá-las. Arfando um pouco, dado o tamanho do seu nervosismo, a criança continuou contando para a sua mãe que o dito homem também havia demonstrado como se devia fazer para deixar o pênis ereto por meio da masturbação e como penetrá-lo nas bonecas. Tais coisas não somente foram ditas, mas também feitas diante da criança, visando a um certo treinamento que ele deveria repetir.

Horrorizada e sem saber muito bem sobre o que fazer diante daquela circunstância, a providência que tomou foi a de expulsar aquele moço da sua casa, localizada na zona rural. Acreditou que deste modo evitaria um mal maior. Dedicou-se então ao tratamento da ferida peniana da criança, sem desconfiar nem poder imaginar que apesar da cicatrização física que logo se efetuará, outro tipo de ferida subjetiva tardaria a ser até mesmo percebida e diagnosticada.

### *Cena 2*

O tempo passou, a criança deixou para trás a infância violada e entrou na pré-adolescência. Nesta fase, uma nova experiência de violência sexual se efetuou diante dela. Dessa vez, contudo, a vítima foi a sua avó. No dia 04 de março de 2004, Francisca Maria da Conceição foi morta a golpes de facão. O motivo: ter se recusado a ceder seu corpo ao agressor. Este, após matá-la, estuprou o seu cadáver madrugada adentro. Pela manhã, os olhos daquela criança contemplaram e grafaram em sua memória a imagem do corpo violado e sem vida da sua avó, envolto em sangue, espreado pelo chão.

Iniciada a busca e conseqüente apreensão do culpado, após alguns anos de prisão, fora posto em liberdade, tendo retomado a sua vida como se nada tivesse acontecido. Por outro lado, as vidas daquele pré-adolescente e de sua família jamais seriam as mesmas, pois, além da perda da sua inocência, também perdeu a sua avó para a violência e truculência do homem do patriarcado.

### *Cena 3*

Mais um tempo se passou. Traumatizado, pouco consciente das conseqüências desses traumas para a sua vida, aquele adolescente (marcado pelas memórias da criança violada que fora há pouco tempo atrás) tentou se agarrar ao que sobrou daquela infância. De certa forma, resignificou o passado e seguiu para o presente-futuro. Atravessou a pré-adolescência, um pouco conturbada, como já era de se esperar, para mais uma vez, deparar-se com dois novos casos de violência sexual, agora, com duas de suas amigas. A primeira, caso semelhante ao da sua avó, foi violentada e, posteriormente, assassinada. Seu violador e assassino fugiu e seguiu em liberdade. A segunda amiga, por sua vez, foi vítima de estupro praticado pelo próprio pai por anos a fio. Dessa violência nasceu uma criança. Além da violência sofrida em seu próprio corpo, sabia que o mesmo ato era praticado por ele contra a sua irmã mais nova com cerca de sete ou oito anos de idade, à época. Após a descoberta do crime, ele foi detido e segue preso até onde se tem notícia. Em contrapartida, suas vítimas carregarão marcas indelévels, que lhes afetarão por toda a vida.

Marcado, o adolescente cedeu espaço para o jovem, a quem lhe coube a tarefa de reelaboração do luto<sup>2</sup> e do trauma da violência que sofreu, experimentou e presenciou, tanto na sua pele, quanto na pele da sua avó e nos corpos violados de suas duas amigas. Anos se passaram, desde que se sucederam os fatos narrados. Agora, o encontro com a temática da violação sexual do corpo aconteceu através da literatura brasileira contemporânea, escrita por mulheres que tratam desse tema convertido em um tabu para a sociedade brasileira.

Nas cenas acima estão presentes tanto minhas motivações para trabalhar com essa temática nos escritos que se seguem, quanto traços comuns a todos os casos de violência sexual que transcendem o gênero, mas que afetam diretamente

---

<sup>2</sup> A ideia de luto não se limita apenas à morte, mas o enfrentamento das sucessivas perdas reais e simbólicas durante o desenvolvimento humano. Deste modo, pode ser vivenciado por meio de perdas que perpassam pela dimensão física e psíquica, como os elos significativos com aspectos pessoais, profissionais, sociais e familiares do indivíduo. (...) O luto é um processo lento e doloroso, que tem como características uma tristeza profunda, afastamento de toda e qualquer atividade que não esteja ligada a pensamentos sobre o objeto perdido, a perda de interesse no mundo externo e a incapacidade de substituição com a adoção de um novo objeto de amor. (...) No processo de luto, a inibição de qualquer atividade que não esteja ligada ao objeto perdido e à perda de interesse no mundo externo ocorre por causa da catexia do objeto que continua a aumentar e tende, por assim dizer, a esvaziar o ego. (FREUD, 1915, *apud* CAVALCANTI; SAMCZUCK; BONFIM, 2013, p. 88-90).

os corpos e ferem as subjetividades. Nesse sentido, queria apenas destacar de forma sintética, o silêncio das vítimas e da sociedade, a consequente culpabilização dessas sobreviventes (em sua grande maioria mulheres) em defesa do agressor (geralmente homens).

Além disso, importa salientar que, nos casos narrados, os predadores sexuais eram próximos das vítimas. No primeiro caso, um agregado da família, no segundo um amigo da família, no terceiro um namorado e no quarto o próprio pai. Personagens de um cotidiano marcado pela dor que instaura na alma de quem sente, um ausente sempre presente: o trauma da violência sexual. Este, inscrito e grafado sobre a superfície dos corpos vitimados com letras de sangue, em desespero e agonia, posto que os seus gritos de dores não passam de inaudíveis clamores aos ouvidos da sociedade e do homem do patriarcado, segue como um espectro.

Este texto delimita como objeto de estudo histórico a emergência do corpo feminino vítima de estupro na literatura brasileira contemporânea de autoria feminina, tendo como marcos temporais o Ano Internacional da Mulher (1975) e os desdobramentos dessa literatura crítica das relações de gênero e sexualidade no Brasil do século XXI, até a década de 2010.

### *Linhas de composição*

Ante tudo que já foi mencionado, diante da necessidade de um problema para o meu trabalho de conclusão de curso, me questioneei acerca do processo e das condições de emergência do corpo feminino, vítima de violência sexual<sup>3</sup>, na literatura de autoria feminina no Brasil contemporâneo. Essa temática constitui-se enquanto um tabu para a sociedade brasileira, uma vez que “os homens não tratam do assunto e as mulheres não ousam contar, denunciar, escrever sobre isso”, e, mesmo quando escrevem seus escritos são postos à margem pelo cânone estabelecido, gerando um “silêncio cruzado” acerca desse assunto (FIGUEIREDO, 2020, p. 266). Por esse motivo, o objetivo do presente trabalho é problematizar as condições de emergência do corpo feminino, vítima de violência sexual, na literatura brasileira de autoria feminina, localizando esse acontecimento na década de 1970 para posteriormente refletir acerca dos seus desdobramentos no século XXI. Para tanto, lançamos mãos da categoria analítica da genealogia foucaultiana, visto que “a genealogia é o estudo das condições de emergência de determinado objeto” (COSTA JÚNIOR, 2021, p. 43) no tempo e espaço a partir de uma multiplicidade documentária que materializa e dissemina as formas de dizer e fazer ver determinada questão como um problema historicamente fabricado.

---

<sup>3</sup> Segundo a legislação brasileira, “o crime de estupro consiste no fato de o agente “constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso” (CP, art. 213, *caput*). São quatro os elementos que integram o delito: (1) constrangimento decorrente da violência física (*vis corporalis*) ou da grave ameaça (*vis compulsiva*); (2) dirigido a qualquer pessoa, seja do sexo feminino ou masculino; (3) para ter conjunção carnal; (4) ou, ainda, para fazer com que a vítima pratique ou permita que com ela se pratique qualquer ato libidinoso. O estupro, consumado ou tentado, em qualquer de suas figuras (simples ou qualificadas), é crime hediondo (Lei 8.072/90, art. 1º, V)”. MAGGIO, Vicente de Paula Rodrigues. **O estupro e suas particularidades na legislação atual**. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/o-estupro-e-suas-particularidades-na-legislacao-atual/121942479>. Acesso em: 24 ago. 2023.

Dessa forma, a partir de uma análise genealógica, pensando em um primeiro momento a proveniência de uma escrita feminina, teceremos uma reflexão acerca das condições de emergência do corpo feminino vítima de violência sexual enquanto objeto dessa escrita. Isso pois a categoria analítica da genealogia nos permitirá a percepção e a compreensão da “proliferação dos acontecimentos através dos quais (graças ao quais, contra os quais) eles se formaram”, para assim atribuir-lhes um lugar ou lugares de proveniência para essa escrita. Por conseguinte, pensaremos com a emergência, que nada mais é do que “os princípios e a lei singular de um aparecimento”, o ponto de surgimento desse corpo feminino violado na dispersão que lhe é própria, isto é, na materialidade dispersiva das escritas femininas que partiram de diferentes experiências e lugares para tornar visível a experiência do estupro desde a ordem privada dos acontecimentos à cena pública em que se inseriu a literatura contemporânea.

Esse recorte temporal foi selecionado tomando por base a nossa hipótese de trabalho, qual seja: a emergência do corpo feminino vítima de violência sexual emergiu na literatura contemporânea como um sintoma da chegada do feminismo ao Brasil<sup>4</sup>. Compreendemos que tal recepção ocorreu durante a década de 1970, tendo como principais bandeiras ou pautas a sexualidade, o direito ao prazer e ao aborto. Tais temas se tornaram signos de uma luta pelo governo de si e por uma tomada de posse dos seus corpos, por parte das mulheres.

Por esse motivo, caracterizamos essa época enquanto um período marcado por ter colocado em pauta a subjetividade feminina que por muito tempo havia sido subjugada e subalternizada. A transformação dessa realidade começa na medida em que houve uma luta pela educação e por uma série de novos direitos constitutivos de uma nova proposta de cidadania para o Brasil dos anos 1970, isto é, em plena Ditadura Militar (1964-1985).

Segundo pensamos, essas marcas ainda ressoam entre nós, no presente dessa escrita, com suas devidas mutações e modificações, visto que a luta pela ampliação da cidadania e dos direitos humanos das mulheres continua em questão, uma vez que o direito ao corpo, ao governo de si e à sexualidade ainda são pautas bastantes recorrentes no contexto do movimento feminista brasileiro.

No que concerne à metodologia, realizamos uma pesquisa bibliográfica e documental, a fim de cartografarmos os acontecimentos que marcaram o processo de emergência de uma escrita feminina, bem como que produziram as condições de emergência que resultaram em um debate público, pelas vias da literatura contemporânea, acerca dos dilemas e tabus que se restringiam ao espaço privado, a exemplo do corpo feminino violado.

---

<sup>4</sup> O feminismo discutido neste contexto refere-se principalmente ao feminismo branco e burguês liderado por mulheres da classe média brasileira, especialmente durante a chegada das primeiras correntes feministas no Brasil, sobretudo a partir da segunda onda do feminismo durante a década de 1970. Esse movimento foi amplamente criticado por sua falta de inclusão de outras vozes femininas, especialmente aquelas que enfrentam interseccionalidades de raça, classe social e orientação sexual. Como mencionado por Ana Alice A. Costa e Cecília Maria B. Sardenberg na obra *Feminismo do Brasil: reflexões teóricas e perspectivas* (2008), esse feminismo muitas vezes falhou em reconhecer e abordar as experiências das mulheres negras, indígenas, pobres e LGBTQ+, resultando em uma narrativa restrita ao campo de experiências de uma pequena parcela das mulheres brasileiras. Para mais informações: COSTA, Ana Alice Alcântara; SARDENBERG, Cecília Maria B. (org.). **O Feminismo no Brasil: reflexões teóricas e perspectivas**. Salvador: Fast Design - Prog. Visual Editora e Gráfica Rápida Ltda, 2008. Disponível em: <http://www.neim.ufba.br/site/arquivos/file/feminismovinteanos.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2023.

Nesse sentido, pensando essa transição do privado ao público, salientamos que, em primeiro lugar, as mulheres aprenderam a pensar e a expressar o que pensavam, passando a divulgar suas bandeiras e a lutar por seu protagonismo político através de uma escrita de teor jornalístico. Nesse contexto, a pauta da escrita feminina se detinha mais aos debates em prol do direito ao reconhecimento das suas faculdades intelectuais, do direito à educação e de votar e serem votadas, fato que caracterizou as lutas pela cidadania na primeira metade do século XX.

Por conseguinte, no limiar da década de 1970 – marcada pela repressão de uma ditadura militar, pelos movimentos de crítica e contestação à ordem estabelecida, bem como da contracultura e de uma revolução sexual – vê emergir enquanto objeto dessa escrita a sexualidade, o direito ao prazer das mulheres, do aborto. Em suma, seus corpos emergem enquanto novos elementos para a sua cidadania, sob o *slogan* “nossos corpos nos pertencem!”. Em outras palavras, selecionamos e acessamos o arquivo composto de três obras e lançamos mãos desse corpus documental, para percebermos esse processo de emergência e de transição do corpo feminino violado que transcendeu as barreiras do privado ao público.

Por isso, lançamos e defendemos a hipótese que foi nesse contexto que emergiu o corpo feminino, vítima de violência sexual, na literatura brasileira de autoria feminina, uma vez que os egoísmos voltados uns contra os outros que brilham de algum modo lutaram juntos pelo sol e pela luz, tanto da liberdade quanto do pertencimento a si mesmos. Além disso, cabe destacar que foi nessa década que as mulheres deram o seu salto e fizeram sua grande entrada, dos bastidores para o teatro do social, ocupando de forma mais emblemática espaços de expressão de pensamentos e ideias<sup>5</sup>, a exemplo da própria literatura, majoritariamente masculina, visto que “o cânone ocidental se constitui, fundamentalmente, de obras de homens brancos, europeus e norte-americanos”, que são compreendidos como “monumentos da cultura que foram fixados e consagrados por uma comissão divina e a-histórica” (FIGUEIREDO, 2020, p. 85).

Desse modo, por muito tempo a escrita feminina ocupou os bastidores do teatro do social, posto que a condição feminina dentro do ordenamento patriarcal se restringe ao lar, por este motivo, a educação que recebe lhe serve apenas para gestar, parir e cuidar de crianças, mas em hipótese alguma lhe caberia o papel de

---

<sup>5</sup> Foi na década 1970, especificamente no ano 1977 que aconteceu a admissão da primeira mulher na Academia Brasileira de Letras (ABL), a saber: Rachel de Queiroz. Daí em diante outras mulheres foram admitidas, a exemplo de “Dinah Silveira de Queiroz, admitida em 1980, Lygia Fagundes Telles em 1987, Nélida Piñon em 1989 (...)” (FIGUEIREDO, 2020, p. 88). Além disso, nas palavras de Duarte (2003, p. 167): “no final da década de 1970 e ao longo dos anos de 1980, um movimento muito bem articulado entre as feministas universitárias, alunas e professoras, promoveu a institucionalização dos estudos sobre a mulher, tal como ocorria na Europa e nos Estados Unidos, e sua legitimação diante dos saberes acadêmicos, através da criação de núcleos de estudos, da articulação de grupos de trabalho e da organização de congressos, colóquios e seminários para provocar a saudável troca entre as pesquisadoras. É desta época a criação do Grupo de Trabalho sobre Estudos da Mulher da Anpocs (Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais), e do Grupo de Trabalho Mulher na Literatura, da Anpoll (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística), assim como a criação do NEM (Núcleo de Estudos sobre a Mulher) da PUC-RJ; do Neim (Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher), na UFBA, do Nielm (Núcleo Interdisciplinar de Estudos da Mulher na Literatura), da UFRJ e do Nemge (Núcleo de Estudos da Mulher e Relações de Gênero) da USP, entre muitos outros que se multiplicaram nas diferentes instituições de ensino superior. Todos estes fatos e outros mais que poderiam ser citados, corroboram a ideia da ocupação de forma emblemática desses espaços de expressão de pensamentos e ideias pelas mulheres a partir de 1970.

gestar, parir e nutrir ideias, sobretudo ideias que fossem de encontro à ordem estabelecida. Isso começou a ser modificado na afluência e efervescência dos acontecimentos da “exuberante” década de 1970 que foi “o momento da onda – feminista – mais exuberante, a que foi capaz de alterar radicalmente os costumes e tornar as reivindicações mais ousadas em algo normal” (DUARTE, 2003, p. 165). Portanto, para pensar historicamente a emergência desse corpo feminino marcado pela violência, selecionamos as seguintes fontes documentais, todas obras literárias escritas em prosa e com autoria feminina.

A primeira delas é o livro *As Meninas* (1973), de autoria de Lygia Fagundes Telles, que tem como tema central as experiências femininas durante o contexto brasileiro da década de 1970, marcado pela violência e pela repressão da ditadura militar, bem como pelo fortalecimento do movimento feminista no contexto da Guerra Fria, que dividiu o mundo entre capitalistas e socialistas. O fio condutor da narrativa de Telles foi a vulnerabilidade e a fragilidade feminina ante a violência, pautando-se em três eixos centrais: política, sexo e drogas. As três personagens centrais do romance, Lorena, Lia e Ana Clara, representam a condição feminina daquela época. A primeira é representante da alta classe social paulistana; a segunda, representa a classe média e a mentalidade militante de esquerda; e, a terceira e última, representa a classe popular, sendo a personagem através da qual Telles abordou a questão do abuso sexual, sofrido por ela durante a infância e adolescência, mas que ressoou por toda a sua vida, sendo manifesto através do uso exagerado de álcool e drogas.

A segunda obra é *As Parceiras*, de Lya Luft, originalmente publicado em 1980 com reedição em 2005. O romance narra a vida de uma família de mulheres, marcada pela violência sexual sofrida pela avó da protagonista-narradora quando ela tinha 14 anos de idade, que tanto afetou a sua vida quanto deixou marcas por toda uma geração de mulheres: a sua, a das suas filhas e netas.

Nesse sentido, a autora apresenta o caráter intergeracional do trauma da violência sexual, além de nos prestar uma ótima analogia para o silêncio acerca desse tipo de violência, visto que o corpo violado da avó e suas histórias e violações ficaram restritas ou resguardadas no sótão da casa, enquanto que na sala não se falava no assunto. Algo similar acontece na vida cotidiana, na qual a violência sexual não habita a linguagem pública, mas está presente apenas no âmbito do privado, um traço comum na época em que o romance foi escrito, apesar das lutas para que fosse instalado um debate público acerca da violação dos direitos humanos das mulheres, sobretudo acerca da violação dos seus corpos.

A terceira obra é *Suíte de Silêncio*, de Marília Arnaud, publicado no ano de 2012, em um outro contexto, mas constituindo-se um sintoma do tabu que persiste, mesmo na fase de maior florescimento dessa narrativa feminina, de protesto e denúncia pelas vias da literatura. Nesse romance, a personagem de Arnaud, assim como a de Luft, violada na adolescência, concebe o trauma enquanto um segredo vergonhoso, sobretudo pelo fato de a sua violação ter se efetivado pelas vias da sedução, algo que induz a vítima a se perceber enquanto cúmplice da violação e não uma vítima<sup>6</sup>. Logo, sente-se culpada e incapaz de reconhecer a culpa do agressor a quem crer amar.

---

<sup>6</sup> Saffioti (2015, p.27), refletindo sobre os danos consequentes de uma violação ou abuso sexual incestuoso que assim como o insidioso é levado a cabo pela via da sedução, argumenta que “em termos de danos psíquicos e distúrbios sexuais posteriormente manifestados, o abuso sexual via sedução é infinitamente pior que a brutalidade do pai menos instruído e menos maneiroso”. Isso, pois a vítima não se enxerga enquanto vítima, mas como cúmplice e copartícipe, como o apresentado no

O romance é narrado em primeira pessoa através da história de Duína, uma menina que passa pelo trauma da separação dos pais aos 9 anos, sofre *bullying* na escola, bem como busca chamar a atenção do pai que se entregara a melancolia. A forma encontrada por Duína para levar a cabo o seu intento, foram as aulas de violino com o professor Ramon, a fim de se converter em uma grande concertista e ganhar a atenção e o prestígio do pai: o melancólico e apático maestro Gaspar. Entretanto, o seu professor a seduziu e ela passou a viver o desabrochar da sua sexualidade, aos 14 anos, com um homem que tinha a idade do seu pai.

A quarta fonte selecionada<sup>7</sup> é a obra *Todos os Abismos convidam para um mergulho*, de Cinthia Kriemler. Publicado em 2017, o livro se configura enquanto uma das obras mais representativas dos desdobramentos da temática do corpo feminino vítima de violência na literatura do século XXI. Esse romance, assim como outros, reflete e reafirma a ideia de que “é muito angustiante falar sobre o trauma do estupro”, dado o caráter memorialista da narração, que leva as sobreviventes de um estupro ao momento da violação para o reviverem em suas mais variadas sensações, o que lhes provoca o nojo, o ódio, a impotência, a revolta entre outros sentimentos que atravessaram os seus corpos no momento da grande dor, a dor de não pertencer mais a si. Além disso, nos conta de fatos que compõem e se inscrevem sobre as superfícies dos corpos, através de um passado que não passa, que deixa marcas para toda a vida. Entretanto, apesar das angústias da narração é através desse ato de fala que as mulheres encontraram um caminho para a sua sobrevivência, dado que “a lembrança e a narrativa são a maneira que as protagonistas têm de passar a limpo suas vidas e a de sua família, de modo a descobrir como tudo começou e como tudo acabou/acaba (FIGUEIREDO, 2020, p. 271).

---

romance *Histórias de minha morte* de Maya Falks, quando Leandra, a narradora-protagonista traça a seguinte reflexão: “Tirei. Abri. Ele entrou. Eu tirei a calcinha. Eu abri as pernas. Ele entrou porque eu deixei. Eu deixei. Não teria acontecido se eu não tivesse deixado. Essa era a culpa, ou parte dela. Carreguei por todos os anos que restaram...” (FALKS, 2017, POSIÇÃO 1378). Esse sentimento de culpa, marcou toda a história de Leandra na ficção de Falks, mas também marca a vida de milhares de mulheres que sofrem com os danos de uma violação sexual insidiosa, que sempre desponta em um processo de autorrecriminação, automutilação, solidão, depressão etc., chegando ao ponto de tirarem as próprias vidas que foram roubadas por seus violadores.

<sup>7</sup> Dentre todas as obras de autoria feminina que abordam e retratam a questão do corpo feminino vítima de violência sexual, selecionamos apenas quatro romances de autoria feminina: “As Meninas” (1973), de Lygia Fagundes Telles; “As Parceiras” (1980), de Lya Luft; “Suíte de Silêncio” (2012), de Marília Arnaud; e “Todos os Abismos Convidam para o Mergulho” (2017), de Cinthia Kriemler. Cada um desses romances traz uma modalidade distinta de estupro e de abordagem sobre esse crime, que causa feridas profundas e destrói as mulheres de dentro para fora. Selecionamos “As Meninas” por ser o primeiro romance de autoria feminina a abordar a questão da violação sexual dos corpos femininos e suas consequências para a vida da mulher violada. “As Parceiras” destaca-se ao demonstrar o caráter intergeracional da violência sexual e como esse ato afeta não apenas a vida da vítima, mas toda a sua família ao longo das gerações. “Suíte de Silêncio” trata de uma forma de estupro insidiosa e sutil, conhecida como estupro insidioso, no qual a vítima não reconhece a própria condição de vítima, muitas vezes acreditando amar o seu agressor. Além disso, o livro demonstra como a violação sexual do corpo feminino corroi esse corpo como maresia, de maneira silenciosa, já que a mulher violentada muitas vezes guarda o ato sofrido como um segredo vergonhoso. Por fim, “Todos os Abismos Convidam para um Mergulho” é escolhido por tratar de diversos casos de estupro e diferentes modalidades de violência sexual, desde a corrupção de menores até a prostituição desses jovens, passando pela compulsão sexual da protagonista após anos de violação pelo pai. Além disso, o livro aborda o estupro incestuoso, uma das modalidades mais recorrentes no contexto brasileiro. Essas obras contribuem significativamente para o debate e a conscientização sobre a violência sexual contra mulheres e meninas em nossa sociedade.

Os romances do século XXI enunciam uma vontade de lembrar para curar, um desejo de dizer somado ao cansaço de esquecer, como nos assevera a personagem Beatriz: “eu estou cansada de apagar memórias de fazer de conta. De me esquecer” (KRIEMLER, 2017, p. 209), posto que é através de uma reelaboração desse trauma vivido que elas poderão finalmente ficar em paz com o presente, redescobrando a si mesmas a partir de outra relação com seus corpos e ressignificando seus desejos e formas de viver. Nesse sentido, Kriemler apresenta a dualidade do ser violado da mulher, posto que ela se divide entre o desejo de esquecer e a necessidade de lembrar-narrar. Mas, dando ênfase a esse cansaço frente ao esquecimento forçado, frente ao abandono que tanto a violência sofrida quanto o trauma acumulado foram relegados.

Este texto está organizando em quatro partes. Na primeira, *A proveniência de uma escrita feminina*, questionamos como foi possível o surgimento de uma escrita feminina, visto que a educação que recebia se restringia aos ofícios do lar. Enfatizamos o surgimento da escrita feminina enquanto um resultado das lutas pela inserção das mulheres no mundo das letras, processo que no contexto brasileiro remonta ao século XIX. A segunda parte, *A década de 1970 e o Ano Internacional da Mulher*, discutiremos o que foi esse Ano Internacional da Mulher definido pela Organização das Nações Unidas (ONU) e qual a sua importância para o processo de emergência do corpo feminino enquanto objeto de escrita literária feminina. Na terceira seção, *O corpo que emerge do sótão à sala*, desenvolvemos a análise sobre como foi possível a emergência do corpo feminino vítima de violência sexual na literatura brasileira feita por mulheres. Pensamos que esse processo teve início na década de 1970, se prologando até os dias atuais, quando o direito ao corpo, a sexualidade, ao aborto e a luta contra a violência sexual fizeram sua entrada na literatura brasileira pelas mãos de mulheres escritoras nascidas, em sua maioria, nos anos 1960 e 1970.

Por sua vez, na seção *Século XXI: as vozes que se fazem ouvir na sala*, apresentaremos os desdobramentos desse processo de emergência através da escrita feminina no século XXI. A partir dos anos 2000 até o presente momento houve uma grande proliferação de obras com essa temática do corpo feminino violado sexualmente. Algo bastante sintomático e representativo de uma mudança de paradigma na literatura brasileira (FIGUEIREDO, 2020, p. 269) que nos conta que há em andamento a produção de “uma nova literatura de autoria feminina no Brasil”, podendo ser notada através da “predominância de escritoras jovens, nascidas a partir de 1960, a tematizarem o estupro e o estupro incestuoso”, ou seja, a narrarem e apresentarem os dilemas, traumas e consequências dos corpos femininos violados.

Portanto, vale salientar que o traço comum entre todas as obras que foram escritas a partir da década de 1970 até o presente momento é a narração dos romances em primeira pessoa, marcando a tomada da palavra pelas mulheres, que antes narradas, passaram a narrar a si mesmas e os seus traumas. Dessa forma, transformando e utilizando a literatura enquanto um canal de denúncia das mais variadas violações que sofrem e que marcam os seus corpos, posto que os seus direitos humanos são constantemente desrespeitados em uma sociedade falocêntrica como a nossa. Por fim, em nosso último tópico, teceremos algumas considerações acerca da presente temática, retomando alguns pontos abordados ao longo do texto a fim de levantar novos questionamentos e inquietações neste campo de investigação histórica e social.

## 2 A PROVENIÊNCIA DE UMA ESCRITA FEMININA

Silêncio: ausência de qualquer ruído, condição de quem se cala ou prefere não falar, mas, sobretudo, aquilo cuja causa é oculta, desconhecida, misteriosa, um segredo. Esta foi a palavra que escolhi para representar a condição de possibilidade de um saber feminino durante o século XIX, posto que para a sociedade desse período a produção de um saber seria um ofício essencialmente masculino, logo as causas ou possibilidades de um saber feminino permaneceram ocultas, desconhecidas, um mistério. Mistério que começou a ser desvendado através de mulheres que lutaram para aprender a pensar e a expressar o que pensavam.

Para a ordem social dessa época, as mulheres eram concebidas como incapazes de aprender a ler e a escrever, fato que tornava inconcebível a produção de um saber feminino. O seu lugar por natureza, a casa. O seu ofício natural, a reprodução, a educação dos filhos e o atendimento dos desejos do marido, seu amo. Desde o século XIX até recentemente, esta foi a condição feminina, relegada aos bastidores da vida, enquanto os holofotes estavam postos sobre os homens. Entretanto, com o surgimento de uma subjetividade feminista, essa realidade passou a ser modificada.

Segundo Constância Lima Duarte, a primeira bandeira de luta feminista no Brasil, foi “o direito básico de aprender a ler e a escrever”, sendo lido aqui enquanto um indício do começo dentre vários começos para a produção de uma subjetividade feminista<sup>8</sup> que teve o seu ápice durante a década de 1970 em diante, sobretudo no que concerne a escrita literária.

Essa primeira bandeira, enunciada por Duarte (2003, p. 153), pode ser localizada no tempo durante o século XIX, visto que “a primeira legislação autorizando a abertura de escolas públicas femininas data de 1827”. Nesse sentido, Duarte nos conta que a educação que as mulheres recebiam se efetivava em “conventos que guardavam as meninas para o casamento, raras escolas particulares nas casas das professoras ou o ensino individualizado, todos se ocupando apenas com as prendas domésticas”.

Desse modo, a educação feminina era privada e privativa, ou seja, desenvolvida em instituições privadas com fins privativos, a saber: a preparação para a vida doméstica. Restritas as quatro paredes da casa, as mulheres se encontravam “enclausuradas em antigos preconceitos e imersas em uma rígida indigência cultural”, dado que segundo a visão corrente nessa época, “a mulher não necessitava ler nem escrever” (Duarte, 2003, p.153).

Contudo, nesse período aconteceu a emergência de uma das obras mais emblemáticas das lutas feministas. Escrita por Nísia Floresta (1810-1885), em 1832, “Direitos das mulheres e injustiça dos homens”, converteu-se em uma ruptura, levada a cabo por sua pena, com os limites do espaço privado em que viviam enclausuradas as possibilidades de um saber feminino.

---

<sup>8</sup> Ao longo de todo o texto conceberemos o feminismo segundo o postulado por Duarte (2003, p. 152), pensando esse movimento “em um sentido amplo, como todo gesto ou ação que resulte em protesto contra a opressão e a discriminação da mulher, ou que exija a ampliação de seus direitos civis e políticos, seja por iniciativa individual, seja de grupo”. Logo, segundo esse perspectiva poderemos compreendê-lo enquanto um modo de subjetivação, visto que “...os modos de *subjetivação*, aparecem e se desenvolvem historicamente como *práticas de si* (Cardoso Júnior, 2005, p. 344), práticas estas que podem ser lidas e compreendidas enquanto os gestos tímidos e as ações de mulheres que lutaram pelo direito de aprenderem a pensar e a expressarem o que pensavam através da escrita, fato que demonstra a resistência contra a opressão desde as primeiras letras ao florescimento da escrita feminina no Brasil.

Nísia, inspirada em Mary Wollstonecraft – escritora, filósofa, e defensora dos direitos da mulher inglesa – mas também em Poulain de la Barre – escritor francês, filósofo e feminista cartesiano – bem como nos “artigos da Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã”, de Olympe de Gouges, escreveu “o primeiro livro no Brasil a tratar do direito das mulheres à instrução e ao trabalho” (Duarte, 2003, p. 153), instituindo o que viria a ser uma das primeiras bandeiras das lutas do feminismo brasileiro.<sup>9</sup>

Analisando a obra dessa autora, Duarte (2003) enunciou uma vontade de ruptura com a tradição que impunha a mulher uma educação com fins bastantes domésticos, que desacreditava e descredibilizava a possibilidade de uma educação para o mundo das letras, já que as mulheres, segundo a ciência dos homens, seriam incapazes de aprender e exercer tal ofício, naturalmente masculino.

Por esse motivo, em seus escritos, Nísia exigiu o respeito e o reconhecimento das faculdades e capacidades intelectuais das mulheres, argumentando que as desigualdades entre os sexos seriam resultado da educação que recebiam e das circunstâncias que modelavam seus comportamentos, hábitos e pensamentos. Além disso, defendeu “pequenas e necessárias mudanças no comportamento masculino com relação à mulher”, ao invés de uma revolução feminista, posto que “nossas mulheres precisavam, primeiro, ser consideradas seres pensantes para depois, pleitear a emancipação política” (Duarte, 2003, p. 154).

Os primeiros movimentos, rumo à emancipação política tiveram início a partir da segunda metade do século XIX até a primeira metade do século XX, mais especificamente entre 1870 e 1920, período de grande florescimento da escrita feminina pelas vias da imprensa. Todavia, não podemos esquecer das “velhas páginas artesanais” do “jornal das senhoras”, lançado em 1852, no Rio de Janeiro, por Joana Paula Manso de Noronha “uma argentina radicada no Rio de Janeiro”, que defendia e incentivava as mulheres, através de sua escrita, a “buscarem um melhoramento social e a emancipação moral”, convertendo-se em uma das precursoras da imprensa feminina que “lograram avançar em direção à construção de uma identidade feminina” (Duarte, 2003, p. 155).

Nesse contexto de afluência, tanto da escrita quanto da imprensa feminina, surgiu “*O sexo feminino*, dirigido pela incansável Francisca Senhorinha da Mota Diniz” que denunciou “a ignorância de seus direitos” enquanto inimigo e entrave à produção de um saber feminino com fins a sua emancipação. Por esse motivo, através dos vários números de *O sexo feminino*, Senhorinha argumentou e defendeu veementemente que, “apenas com a instrução seria possível quebrar as cadeias que desde séculos de remoto obscurantismo nos rodeiam” (Duarte, 2003, p.156).

Nesse ínterim, outros jornais tiveram um papel significativo, a exemplo do *Echo das Damas*, “editado por Amélia Carolina da Silva Couto, que circulou no Rio de Janeiro de 1875 a 1885, defendendo a igualdade, o direito da mulher à educação, e divulgando as realizações feministas em outros países”, enquanto incentivo à produção de um saber feminino com fins a sua emancipação (Duarte, 2003, p.156).

---

<sup>9</sup> “(...) no século XIX, as mulheres que escreveram, que desejaram viver da pena, que desejaram ter uma profissão de escritoras, eram feministas, pois só o desejo de sair do fechamento doméstico já indicava uma cabeça pensante e um desejo de subversão. E eram ligadas à literatura. Então, na origem, a literatura feminina no Brasil esteve ligada sempre a um feminismo incipiente” (Muzart, 1999, p. 162 *apud* Duarte, 2003, p. 152).

Todos esses jornais constituíram-se enquanto lugares de proveniência da escrita feminina, sobretudo *A família*, que questionou a construção ideológica do gênero feminino, passando a exigir mudanças radicais na ordem social vigente, no que tange a condição e a percepção do feminino, sob a direção de Josefina Álvares de Azevedo (1851- ?) entre os anos de 1888 e 1897. Josefina, como nos conta Duarte (2003, p. 157), incentivava as compatriotas à ação, nos seguintes termos:

Formem grupos e associações, fundem jornais e revistas, levem de vencida os tirocínios acadêmicos, procurem as mais ilustres e felizes, com a sua influência, aviventar a campanha em bem da mulher e seus direitos, no Brasil: e assim terão as nossas virtuosas e dignas compatriotas pejejado, com o recato e moderação naturais ao seu delicado sexo, pela bela idéia “Fazer da brasileira um modelo feminino de educação e cultura espiritual, ativa, distinta e forte”. (A FAMÍLIA, ANO I, N. ESPECIAL APUD DUARTE, 2003, P. 157).

“Fazer da brasileira um modelo de educação e cultura espiritual, ativa, distinta e forte”, para além da “bela ideia” de Josefina, representou a mentalidade feminina de todas as mulheres brasileiras que lutaram, durante essa época, parar romper com o estigma de sexo frágil, com a visão segundo a qual seriam incapazes de produzirem um saber, posto que sua vocação natural seria voltada para os ofícios do lar. Dessa forma, movidas por uma mesma força e um mesmo idealismo, essas mulheres se apropriaram da imprensa para “criar – concretamente – uma legítima rede de apoio mútuo e de intercâmbio intelectual”, configurando-a “como instrumento indispensável para a conscientização feminina”, convertendo-se assim em “um eficaz canal de expressão para as sufocadas vocações literárias das mulheres, tendo exercido ainda uma função “conscientizadora, catártica, psicoterápica, pedagógica e de lazer” (Imprensa feminina, p. 33 *apud* Duarte, 2003, p. 158).

Por esse motivo, concluímos que os conventos, as raras escolas particulares nas casas das professoras ou o ensino individualizado, enunciados por Duarte, juntamente com a imprensa, configuraram-se enquanto lugares de proveniência para a escrita feminina, pois foi no interior desses espaços de aprendizagem e expressão que se desenrolaram os acontecimentos através dos quais, graças aos quais e contra os quais foi possível a emergência de um saber feminino que inscreveu novos hábitos, usos e costumes sobre a superfície e no interior dos corpos das mulheres, contra os estigmas dos acontecimentos passados, possibilitando o nascimento de uma vontade de saber e de escrever juntamente com um desejo de resistir e lutar por novos espaços de expressão e produção de pensamentos, a exemplo da literatura.

### **3 A DÉCADA DE 1970 E O ANO INTERNACIONAL DA MULHER**

No contexto que vai do final do século XIX até o início o século XX, emergiu o chamado “feminismo de primeira onda”, que tinha como pauta as reivindicações “pelos direitos políticos, a exemplo da igualdade de voto” que ficou suspenso com a eclosão das duas grandes guerras (Dornelles, 2017, p. 18). Nesse sentido, Costa (2010, p. 175), argumenta que o movimento feminista internacional ressurgiu no contexto da década de 1960, marcado “por uma intensa onda contestadora” da possibilidade de restabelecimento de uma ordem social que não mais funcionava. Desse modo, aponta que esse ressurgimento se deu em termos de um

renascimento, pois “ressurge a partir da consciência de que a mudança pura e simples das leis não é suficiente para mudar as estruturas ideológicas pautadas em bases patriarcais” (Costa, 2010, p. 175).

A esse ressurgimento, Dornelles chama “feminismo de segunda onda”, argumentando que o renascimento desse movimento, “após os conflitos da Segunda Guerra Mundial, teve como prioridade a reivindicação pelo direito ao próprio corpo, ao prazer e contra o patriarcado. Dessa forma, a bandeira ‘o privado é político’ foi levantada neste momento” (DORNELLES, 2017, p. 18). É nesse contexto, de ressurgimento do movimento feminista, que as pautas da sexualidade e da violação sexual do corpo feminino transbordaram e transcenderam o espaço privado para habitar a cena pública. Um salto que se efetivou de forma mais contundente pelas vias da literatura.

Além disso, vale salientar que a década de 1970 foi o período de maior florescimento da escrita literária feminina, visto que nas décadas que a antecederam a escrita feminina estava mais ligada ao campo jornalístico do que ao literário, tendo em vista o grande número de jornais que surgiram durante esse período, como mencionado anteriormente. Segundo Duarte (2003, p. 165), a alteração radical dos costumes, juntamente com as reivindicações mais ousadas, apesar da resistência social em acatar as pautas feministas, foram possíveis apenas durante os anos setenta, posto que essa década constituiu-se enquanto a primavera do feminismo brasileiro.

É nesse contexto de grandes agitações e efervescências que o mundo viu emergir no ano de 1972 a instituição de 1975 como o Ano Internacional da Mulher, pela Organização das Nações Unidas (ONU), por recomendação da Comissão sobre a Situação da Mulher (CSW)<sup>10</sup> e do Conselho Econômico e Social (ECOSOC)<sup>11</sup>.

Sobre esse fato, que transcende as recomendações da CSW juntamente com a ECOSOC, Dornelles aponta enquanto motivação para instituição do Ano Internacional da Mulher “a Declaração sobre Eliminação da Discriminação contra as Mulheres” de 1967, que segundo ela, tinha enquanto preocupação, apesar dos progressos em matéria de igualdade de direitos, a continuidade da discriminação contra a mulher (ONU, 1967 *apud* DORNELLES, 2017, p. 21). Dessa forma, vale salientar que na sua gênese, a intuição desse ano como Ano Internacional da Mulher, tinha como objetivo erradicar toda sorte de discriminação, desigualdade ou violência contra a mulher, com foco na sua inserção social, cultural e econômica no âmbito da sociedade de classes, posto que ainda continuavam na margem.

---

<sup>10</sup> “A Comissão sobre a Situação da Mulher (CSW) é uma instância da ONU (Organização das Nações Unidas) e foi criada pelo ECOSOC (Conselho Econômico e Social da ONU) em 1946 com as seguintes funções: preparar relatórios e recomendações ao ECOSOC sobre a promoção dos direitos das mulheres nas áreas política, econômica, civil, social e educacional. Além disso, a CSW formula recomendações ao ECOSOC sobre problemas de caráter urgente que requerem atenção imediata aos direitos das mulheres.” Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/politicas-para-mulheres/arquivo/assuntos/acoes-internacionais/Articulacao/articulacao-internacional/onu-1/CSW%20-%20atualizado.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2023.

<sup>11</sup> “O Conselho Econômico e Social (ECOSOC) é o órgão coordenador do trabalho econômico e social da ONU, das Agências Especializadas e das demais instituições integrantes do Sistema das Nações Unidas. O Conselho formula recomendações e inicia atividades relacionadas com o desenvolvimento, comércio internacional, industrialização, recursos naturais, direitos humanos, condição da mulher, população, ciência e tecnologia, prevenção do crime, bem-estar social e muitas outras questões econômicas e sociais.” Disponível em: <https://cee.fiocruz.br/?q=node/1224>. Acesso em: 27 ago. 2023.

Entretanto, com a instituição do Ano Internacional da Mulher em 1972, abriu-se um espaço em nível internacional para se debater e deliberar acerca da realidade social, econômica e cultural das mulheres. Além disso, esse espaço, que se constitui enquanto um sintoma das lutas feministas que remontam aos séculos XVIII e XIX, visava favorecer a construção de uma consciência coletiva sobre as dificuldades das mulheres na sociedade patriarcal. Nesse sentido, importa salientar que, após três anos da instituição desse espaço para o debate e busca de soluções na esfera pública, no ano de 1975, aconteceu a Primeira Conferência Mundial Sobre as Mulheres, com o “intuito de chamar a atenção da comunidade internacional para a discriminação contra as mulheres nas mais diversas regiões do mundo” (Dornelles, 2017, p. 22).

O resultado dessa Conferência foi o Plano de Ação da Conferência, que pode ser compreendido enquanto uma síntese prática dos seus objetivos<sup>12</sup>, visto que “(...) apresentava-se como referência, na prática para o avanço da condição das mulheres no decorrer da década que começava”, posto que:

Os objetivos gerais deste Plano de Ação consistiam em promover a igualdade entre mulheres e homens, viabilizando a contribuição e integração das mulheres no empreendimento do desenvolvimento e da paz mundial. Propostas de ação nacional e internacional foram incluídas nos objetivos para o “acesso igualitário das mulheres à educação, treinamento, emprego e participação política, além de melhorias nos serviços de saneamento básico, saúde, moradia, nutrição e planejamento familiar” (Dornelles, 2017, p. 22).

Dessa forma, esse Plano de Ação favoreceu a igualdade entre homens e mulheres, pois visava a integração da mulher na sociedade, em termos de educação, trabalho, política, economia e cultura, ou seja, uma integração ativa com foco na construção de um novo ideal de mulher, que no caso brasileiro poderíamos definir como a “bela ideia” de Josefina, ou seja, “fazer da brasileira um modelo de educação e cultura espiritual, ativa, distinta e forte” (A FAMÍLIA, ANO I, N. ESPECIAL APUD DUARTE, 2003, P. 157).

Por esse motivo, o Ano Internacional da Mulher é compreendido enquanto um sintoma do feminismo que potencializou o debate público acerca da violação dos direitos humanos das mulheres, pois se constituiu enquanto um espaço para troca de informações e experiências acerca da condição feminina, bem como um clamor visando chamar a atenção da comunidade internacional, mas também nacional, para a discriminação contra as mulheres nas diversas regiões do mundo, com o intuito de mudar essa condição discriminada, subalternizada e subjugada.

Esse fato, reacendeu a chama do movimento feminista que ressurgiu, no contexto da década de 1970, mais forte, mais articulado e resistente, ocupando novos espaços de pensamento e expressões de pensamentos, reivindicando, denunciando e resistindo a sociedade patriarcal e a sua estrutura de opressão. Por esse motivo, o fato da internacionalização da causa feminina, abriu espaço para a mobilização pública acerca de acontecimentos que por muito tempo foram compreendidos como habitantes da ordem privada dos acontecimentos, a exemplo

---

<sup>12</sup> A Conferência Mundial Sobre as Mulheres, de 1975, realizada na Cidade do México, “teve como objetivos: analisar a forma pelas quais foram implementadas as recomendações da Comissão contra a discriminação da mulher; desenvolver um plano de ação para o fortalecimento das mulheres no mundo; sugerir novas formas para o estímulo da participação feminina no desenvolvimento, em especial nas áreas rurais; e reconhecer o papel essencial da mulher para a paz mundial” (DORNELLES, 2017, p. 22).

da sexualidade feminina, a violação sexual dos seus corpos, principalmente o estupro incestuoso, mas também a violência doméstica sofrida cotidianamente e toda sorte de discriminações e violações dos direitos humanos das mulheres.

É justamente nesse ponto que reside a grande contribuição desse acontecimento para o processo de emergência do corpo feminino vítima de violência sexual enquanto objeto de escrita literária, pois foi a partir desse contexto que o “silêncio cruzado” acerca da violação dos corpos femininos começou a ser rompido, pois as mulheres passaram a tomar a palavra para narrarem a si e aos seus dilemas, os homens passaram a ouvir e a atender as reivindicações das mulheres, com a instauração de um debate público sobre a condição feminina.

Antes, uma construção do masculino, antes ditas e escritas pela pena do homem, a partir da década de 1970 essas mulheres ousaram reescrever as suas histórias, posto que as “sufocadas vocações literárias femininas” podiam respirar livremente o ar da libertação dos antigos preconceitos acerca dos seus corpos, da sua sexualidade e da sua real condição na sociedade.

#### 4 O CORPO QUE EMERGE DO SÓTÃO À SALA

Ruídos. Vultos. Vozes na sombra, enunciam e denunciam uma realidade negligenciada, sentenciada ao silêncio de um lugar escuro e triste: o sótão! Lugar onde as vidas e verdades vão sendo corroídas, pouco a pouco esquecidas, abrindo espaço para o inenarrável: o corpo feminino violado. Habitante do sótão, o corpo violado na ficção de autoria feminina simboliza a realidade negligenciada de milhares de mulheres brasileiras que sofreram e sofrem com o processo de silenciamento dos traumas vividos, do sexo não consentido, do estupro consumado.

Silêncio que começou a ser modificada a partir da década de 1970, apesar de ainda ser uma constante. A precursora, nesse processo de quebra com o “silêncio cruzado” foi Lygia Fagundes Telles<sup>13</sup>, ao publicar em 1973 o seu romance *As Meninas* que tem como tema central as experiências femininas durante o contexto brasileiro da década de 1970, marcado pela violência e pela repressão da ditadura militar, bem como pelo fortalecimento do movimento feminista no contexto da Guerra Fria, que dividiu o mundo entre capitalistas e socialistas. O fio condutor da narrativa de Telles foi a vulnerabilidade e a fragilidade feminina, ante a violência, pautando-se em três eixos centrais: política, sexo e drogas.

As três personagens centrais do romance, Lorena, Lia e Ana Clara, representam a condição feminina daquela época. A primeira é representante da alta classe social paulistana; a segunda, representa a classe média e a mentalidade militante de esquerda; e, a terceira e última, representa a classe popular, sendo a personagem através da qual Telles abordou a questão do abuso sexual, sofrido por ela durante a infância e adolescência, mas que ressoou por toda a sua vida, sendo manifesto através do uso exagerado de álcool e drogas.

Nesse sentido, vale salientar que “ao utilizar o contexto histórico como cenário do romance, Lygia traz à tona o elemento da violência, presente na vida pública e/ou privada das personagens, principalmente, de Lia e Ana Clara, portavozes e vítimas das atrocidades sociais perpetuadas” (Huback, 2017 p. 1168). Ao falar sobre a face privada da violência, Telles lançou luzes no sótão do social,

---

<sup>13</sup> Lygia Fagundes Telles (1923-2022) foi uma escritora brasileira. Romancista e contista, foi a grande representante do movimento Pós-Modernista. Foi membro da Academia Paulista de Letras, da Academia Brasileira de Letras e da Academia de Ciências de Lisboa. Cf. Frazão (2019).

tornando publicamente visíveis os corpos femininos violados, há muito esquecidos e relegados ao silêncio do não dito.

É nesse sentido, de transposição e demonstração do corpo feminino violado, que Telles compõe o perfil de Ana Clara, tecido a partir de “um histórico familiar altamente perturbador, de ausências, traumas e abusos”, que roubam a cena de sua vida através do processo de rememoração de um passado que não reconhece o seu lugar, pois está sempre presente através das imagens turvas que emergem e se perpetuam em sua memória.

A narrativa desse processo de rememoração, pelo qual passam as vítimas de uma violência sexual, assume um aspecto fragmentário, impreciso e confuso, pois as imagens, os sons e os cheiros se misturam, gerando um relato fragmentário que pode nos parecer vago, ambíguo, mas que expressa a confusão que se instala no interior dos corpos que passaram pela experiência da violência sexual, como podemos observar no seguinte trecho, no qual Ana Clara, relembra o estupro que sofreu pelo dentista da família, o Dr. Algodãozinho:

O fecho machucava meu pescoço, principalmente depois que ele começou a alisar o guardanapo com mais força enquanto repetia a beleza que a ponte ia ficar. Mais perto o cheiro de cerveja e mais perto o olhinho azul como conta por detrás do vidro sujo dos óculos. A mão gelada e a fala quente mais rápida, mais rápida a ponte. A ponte. Fechei a boca, mas ficou aberta a memória do olfato. A memória tem um olfato memorável. Minha infância é inteira feita de cheiros. O cheiro frio do cimento da construção mais o cheiro de enterro morno daquela floricultura onde trabalhei enfiando arame no rabo das flores até chegar à corola porque as flores quebradas tinham que ficar de cabeça levantada na cesta ou na coroa. O vômito das bebedeiras daqueles homens e o suor e as privadas mais o cheiro do Doutor Algodãozinho. Somados, pomba. Aprendi milhões com esses cheiros mais a raiva tanta raiva tudo era difícil só ela fácil. Cabecinha de enfeite. Comigo vai ser diferente. Diferente, repetia com os ratos que roque-roque roíam meu sono naquela construção embaratada, diferente, diferente, repeti enquanto a mão arrebatava o botão da minha blusa. Onde será que foi parar meu botão, eu disse e de repente ficou tão importante aquele botão que saltou quando a mão procurava mais embaixo porque os seios já não interessavam mais. Por que os seios já não interessavam mais por quê? O botão eu repeti cravando as unhas no plástico da cadeira e fechando os olhos para não ver o cilindro de luz fria do teto piscando numa das extremidades e o botão? Não, não é o botão que eu quero, é a ponte, a ponte. A ponte me levaria para longe da minha mãe e dos homens baratas tijolos longe. Posso rir de novo e me emprego de dia e estudo num curso noturno, fico manicura porquê de repente vinha um homem e se apaixonava por mim enquanto eu fazia as unhas dele. As unhas arrebatando o elástico da minha calça e arrebatando a calça e enfiando o dedo de barata-aranha pelos buracos todos que ia encontrando tinha tantos lá na construção, lembra? [...] (TELLES, 2009, p. 41-42)

Cheiros, cenários e experiências se confundem, na rememoração de Ana Clara, compondo a cena da violência sofrida durante a sua adolescência a partir de uma narração em linguagem metafórica e repleta de simbolismo que nos conduz a seguinte conclusão: estupro!

Através dessa linguagem, Telles nos permite entrever o corpo feminino violado quando a personagem menciona o cheiro do seu violador, a raiva que sentia, a mão que arrebatava os botões da camisa, as unhas que rompiam o elástico da calça até alcançar os orifícios do seu corpo em um processo de laceração brutal: o sexo não consentido. É através da vida e violações de Ana

Clara, que Telles deu vida e forma, visibilidade e publicidade ao corpo feminino violado, que até então estava esquecido no sótão da sociedade. Assim, contribuiu para a configuração de uma nova literatura feminina no Brasil, demonstrando uma nova atitude das mulheres que passaram a narrar a si e aos seus traumas vividos.

Entretanto, apesar dessa belíssima contribuição de Telles, segundo nossa perspectiva, a obra que marcou essa tomada da palavra pelas mulheres, de forma mais incisiva, transportando o corpo feminino violado do sótão à sala, foi o romance de estreia de Lya Luft<sup>14</sup>, *As Parceiras*, publicado em 1980. Nessa obra, além da apresentação do corpo feminino violado, Luft nos apresenta o caráter intergeracional da violência sexual, quando narra a vida de uma família de mulheres atravessada “pela loucura, pela morte e por um mundo decadente que a envolve e desagrega” (GRUMACH, 2013, ORELHA DO LIVRO). Além disso, diferente do romance de Telles, a obra de Luft nos apresenta a reelaboração dos traumas vividos pelas mulheres como um caminho para continuarem vivendo.

É nesse sentido que Luft nos apresenta o sótão de Catarina, violada na adolescência quando ela tinha 14 anos, através das memórias de sua neta, Anelise, que representa a nova geração de escritoras que ao tomarem a palavra, se dispuseram a resolver as suas vidas, passando a limpo todo o seu passado na tentativa de descobrir “como tudo começou, como acabou. Porque acabou.” Buscando “o lance perverso da jogada, a peça de azar” com o intuito de sobreviverem a toda confusão provocada pela violação dos seus corpos, que instaura uma fratura no eu que as tornam ausentes de/em si mesmas (LUFT, 2013, p. 16).

Anelise, nossa protagonista-narradora, perdida em si, expressa essa vontade de se refazer, de se reconectar com o seu eu para curá-lo de todos os traumas vividos e sofridos, decorrentes do estupro da sua avó, nas primeiras páginas do romance, quando nos diz: “vim ao Chalé resolver a minha vida” (LUFT, 2013, p. 15). Resolver a vida, no sentido de reconciliar-se com o seu passado, ressignificando o trauma vivido, foi o diferencial na escrita de Lya Luft que se converteu em uma marca da literatura brasileira escrita por mulheres, sobretudo a partir dos anos 2000, quando houve uma proliferação dessa produção literária, com escritoras nascidas na década de 1960.

Segundo Eurídice de Figueiredo (2020, p. 269), essas autoras passaram a tematizar “o estupro e o estupro incestuoso”, denotando uma “mudança de paradigma na nova literatura de autoria feminina no Brasil”, pois “começaram a falar e a escrever mais sobre esses assuntos-tabus” (FIGUEIREDO, 2020, p. 269). Nesse sentido, essas autoras começaram a falar “do invisível, do imperceptível, do apenas entrevisto na realidade da vida”, a saber: o corpo feminino violado. Isso só foi possível porque a literatura “é capaz de ir além dos dados da realidade sensível, enunciando conceitos e valores” de uma determinada realidade histórica, social e política. Além disso, porque a literatura “é o domínio da metáfora da escrita, da forma alegórica da narrativa que diz sobre a realidade de outra forma, para dizer além” (PESAVENTO, 2003, p. 40).

Dizer além foi a grande contribuição de Lya Luft quando nos abriu as portas da percepção para o caráter intergeracional do estupro. Tal fato marca não apenas o corpo de quem sofre, mas a vida de todos os seus descendentes, como podemos ver em sua trama, através do estupro de Catarina que “viu sua inocência escarpar entre os dedos, sem nenhuma chance de socorro; seus gritos ecoavam no silêncio

---

<sup>14</sup> Lya Luft (1938) é uma escritora brasileira. Sua produção literária reúne poesias, ensaios, contos, literatura infantil, crônicas e romances. É colunista da *Revista Veja*. Foi tradutora e professora universitária. Cf. Frazão (2019).

interno, mediante a tantos infortúnios e aos constantes abusos” (PAULA, 200, p.4) que a fizeram sucumbir a si e a sua família.

O terror experimentando por Catarina, a levou a se refugiar no sótão e a tornou invisível, pois incapaz de cuidar, educar e amar as suas filhas. Esse terror se refletiu mais tarde na vida de todas elas. É nesse sentido que Anelise nos diz que “com o tempo, aprendi que todas trazíamos a sua marca” (LUFT, 2023, p. 18), a exemplo da sua própria mãe, Norma, que se tornou incapaz de assumir a sua família, pois sobrevivia “pairando pela casa, quase ausente, acompanhando um pouco à distância a vida das filhas e os acontecimentos domésticos” (LUFT, 2013, p. 23).

Entretanto, as marcas do terror (estupro) de Catarina não se restringiram apenas às suas filhas, pois, também afetaram as suas netas, sobretudo, Anelise, que viu a sua vida esboroar ante seus olhos, quando sofreu uma série de abortos, que a autora nos conduz a compreensão de que foram fruto do seu medo de conceber uma Sibila – sua tia, retardada e anã, fruto do estupro que Catarina sofreu. É nesse sentido que Anelise reflete

Como costumavam ser as crianças na nossa família? A avó, louca. A tia, anã. Bila era uma criança da nossa família. Os abortos de Catarina. Minha mãe esquiva. Tia Bea, ressequida. Porque tia Dora não quisera filho? Medo de que aparecesse outra Bila, outra Catarina? Eu lembrava da promessa que Vânia fizera ao marido: casar, sim. Filho, nunca. Havia a árvore doente: Vânia e eu parecíamos frutos normais, inteira, sadias. Verdade que havia coisas sutis: a desgraça macia traidora, tudo dava errado (LUFT, 2013, p. 87).

A partir dessa reflexão, que denota as marcas da violência sexual nas filhas e netas dessa bestialidade, Luft nos apresentou o medo e a insegurança de Anelise enquanto o que lhe provocou a série de abortos que sofreu ao longo da trama, denotando o caráter intergeracional desse trauma, posto que os médicos tinham concluído que não havia nada de físico enquanto causa desses abortos, assegurando que o corpo de Anelise era perfeito (LUFT, 2013, p. 101), logo, a motivação por trás dos abortos era o medo de conceber e dar à luz a um fruto anormal, como a sua tia retardada e anã, fato que no enredo desse romance foi convertido no elo que religava Anelise a raiz da “árvore doente” : sua avó, Catarina, estuprada dos 14 aos 46 anos.

Em seguida, através das memórias de sua personagem que relembra o seu primeiro aborto, Luft demonstra a incapacidade de Anelise de dar à luz a um bebê, juntamente com a obsessão de continuar tentado enquanto manifestação desse medo. É nesse sentido que Anelise nos conta: “a cada decepção o medo crescendo com a teimosia: eu tentava outra vez. Devia ter desistido (...) Mas para mim era a negação da vida, era a afirmação da minha incapacidade” (LUFT, 2013, p. 94).

Desse modo, a incapacidade de Anelise, pode ser compreendida enquanto uma consequência direta de todo o sofrimento e danos que o estupro de sua avó significou para a sua família, evidenciando que os afetos e efeitos de um estupro não afetam apenas os corpos daqueles que sofrem com essa violência, mas de toda uma geração, “como se a vida fosse um jogo que as peças mudam, mas as jogadoras são as mesmas” (LUFT, 2013, p. 15). E, nesse jogo que é a vida, Lya Luft, assim como Lygia Fagundes Telles, simbolizam a mudança de paradigma na literatura brasileira escrita por mulheres a partir da década de 1970, que passaram a narrar a si e aos seus traumas, utilizando esse gênero textual enquanto mecanismo de denúncia, espaço de resistência e expressão de ideias e valores, ao terem

transportado o corpo feminino violado do sótão à sala, do privado ao público, do não dito para o dito, inaugurando uma nova forma de se fazer literatura no Brasil.

## 5 SÉCULO XXI: AS VOZES QUE SE FAZEM OUVIR NA SALA

Ocupante da sala e ex-habitante do sótão, o corpo feminino violado, no século XXI, se tornou objeto de visitação, através da escrita e a partir dos escritos de mulheres brasileiras nascidas em sua maioria na década de 1960, herdeiras do legado instituído por Lygia Fagundes Telles e Lya Luft, pioneiras no processo de transposição do corpo feminino violado do sótão à sala pelas vias da literatura.

A partir dessa transposição efetuada por Telles e Luft desde a década de 1970, as visitas ao corpo feminino violado, enquanto objeto de fala e escrita, tornaram-se uma constante no contexto das produções literárias dessas mulheres no século XXI.<sup>15</sup> Das primeiras letras surgiram palavras mais ousadas e escritas ainda mais sensíveis nesse processo de representação e apresentação desse corpo violado que habitava a penumbra do silêncio e do esquecimento das coisas não ditas.

É nesse sentido que a escritora paraibana Marília Arnaud<sup>16</sup> fez sua contribuição, ao inserir-se nesse universo da escrita sobre o corpo, pelo viés ficcional<sup>17</sup>, com o seu primeiro romance *Suíte de silêncios*, publicado em 2012 pela editora Rocco. Nessa obra, Arnaud construiu a personagem Duína, forçada ao esquecimento dos traumas vividos, perdida em uma “Suíte de silêncios” que corrói a sua vida, assim como corroídos e perdidos encontram-se os corpos femininos violados e silenciados na realidade brasileira. Entretanto, frente ao esquecimento forçado, pelas palavras não ditas e pelo abandono, Duína anuncia que não nasceu “para o esquecimento” (ARNAUD, 2012, p. 09), fato bastante sintomático, do enunciado por Figueiredo, quando disse que as mulheres, a partir dos anos 2000, “começaram a falar e a escrever mais sobre esses assuntos-tabus”, a saber, o estupro, a violação dos seus direitos humanos, dos seus corpos, bem como acerca dos seus traumas vividos (FIGUEIREDO, 2020, p. 269).

<sup>15</sup> Para se ter uma noção da proliferação de obras com essa temática, reunimos nessa nota uma série de romances em que há personagens estupradas, são eles: *As parceiras* (1980), de Lya Luft; *Sinfonia em branco* (2001), de Adriana Lisboa; *Um defeito de cor* (2006), de Ana Maria Gonçalves; *Luzia* (2011), de Susana Fuentes; *Mar azul* (2012), de Paloma Vidal; *Por escrito* (2014), de Elvira Vigna; *Anatomia do paraíso* (2015), de Beatriz Bracher; *Desesterro*, de Sheyla Smanioto (2015); *Diário de uma escrava: visceral e verdadeira* (2016), Rô Mierling; *O peso do pássaro morto* (2017), de Aline Bei; *Histórias de minha morte* (2017), de Maya Falks; *Com armas sonolentas* (2018), de Carola Saavedra; *Mulheres empilhadas* (2019), de Patrícia Melo; e *Maria Altamira* (2020), de Maria José Silveira; *Vista Chinesa* (2021), de Tatiana Salem Levy, entre outros.

<sup>16</sup> Marília Arnaud nasceu em Campina Grande (PB), e vive em João Pessoa. Funcionária pública federal, atua como “analista judiciário” no Tribunal Regional do Trabalho da 13ª Região. Contista e romancista, publicou vários livros de contos, entre eles, *A menina de Cipango* (Prêmio José Vieira de Melo, 1994, Secretaria de Cultura do Estado da Paraíba), *Os Campos noturnos do coração* (Prêmio Novos Autores Paraibanos, 1997, UFPB), *O livro dos afetos* (7letras, 2005), os romances *Suíte de silêncios* (Rocco, 2012), *Liturgia do fim* (Tordesilhas, 2016), *O pássaro secreto* (Amazon Brasil, KDP), vencedor do Prêmio Kindle de Literatura 5ª edição, além do infantil *Salomão, o elefante* (Selo Off Flip, 2013). Sobre a autora, cf. o perfil Marília Arnaud. Disponível em: [https://www.amazon.com.br/Mar%C3%ADiaArnaud/e/B08XKBPLXG/ref=dp\\_byline\\_cont\\_pop\\_ebook\\_s\\_1](https://www.amazon.com.br/Mar%C3%ADiaArnaud/e/B08XKBPLXG/ref=dp_byline_cont_pop_ebook_s_1). Acesso em: 06 nov. 2023.

<sup>17</sup> “No Brasil, sociedade sexista e violenta, fica mais difícil para as mulheres fazer esse tipo de confissão pública, devido à falta de tradição e, sobretudo, pelo temor da exposição” (FIGUEIREDO, 2020, p. 167). Por esse motivo, mesmo no século XXI todas as autoras brasileiras tratam do corpo feminino violado pelo viés ficcional.

Seguindo por esse viés, Arnaud representa uma das tantas vozes que se alçaram na sala e ousaram dizer sobre o corpo violado da mulher a partir dos anos 2000, contribuindo para a superação do tabu acerca dessa temática, mas, sobretudo, denotando a “passagem de uma crítica feminista androcêntrica para uma crítica feminista ginocêntrica, isto é, pautada em parâmetros críticos elaborados pelas próprias mulheres a partir de suas experiências históricas e culturais específicas” (PEREIRA & ARRUDA, 2020, p. 147).

Esse fato possibilitou o surgimento de “vozes que chamam a atenção dos leitores para problemas que sempre existiram nas relações sociais assimétricas de gênero, os quais, no entanto, pouco apareciam na escrita de mulheres. Temas como estupro, incesto, consequências da adesão ou não à maternidade, lesbianidade, dentre outros, começam a ser trabalhados de modo mais intenso”. Desse modo, no século XXI “as mulheres passam a utilizar a escrita literária como um espaço contestatório, inclusive, da violência tradicionalmente sofrida pelos corpos femininos, violência que só começou a ser reconhecida como tal há pouco tempo<sup>18</sup>” (PEREIRA E ARRUDA, 2020, p. 147-148).

Espaço contestatório, mas também de resistência e denúncia, a nova literatura produzida por mulheres resiste e denuncia a violência que impera sobre os seus corpos, seja ela psicológica ou física, a partir da geração de um debate público em torno dessas temáticas. Foi a partir da emergência dessa escrita sobre o corpo feminino violado que desde a década de 1970 houve a introdução desses temas sensíveis no universo dos debates públicos pelas vias da literatura de autoria feminina. Desse modo, a escrita feminina cumpre a função de denúncia, conscientização e combate a essas práticas que deixam “feridas na alma, que sangram, no início sem cessar, e, posteriormente, sempre que uma situação ou um fato lembre o abuso sofrido” (SAFFIOTI, 2015, p. 19).

Nesse sentido, destacamos a contribuição de Cinthia Kriemler<sup>19</sup>, que se inseriu nesse debate e alçou a sua voz na sala com a publicação do seu romance *Todos os abismos convidam para um mergulho*, no ano de 2017, pela editora Patuá. Nesse romance, apresenta o corpo feminino violado a partir do entrecruzamento de várias histórias de violação que se entrelaçam a história da narradora-protagonista, Beatriz, uma mulher sozinha, assistente social, que perdeu a filha adolescente para o suicídio e “trabalha no atendimento de mulheres e crianças abusadas, portanto, vários casos são narrados”, inclusive o seu, violada durante a infância e adolescência pelo próprio pai (FIGUEIREDO, 2020, p. 273).

A narradora-protagonista de Kriemler, assim como a de Arnaud, nos diz o seguinte: “Eu estou cansada de apagar memórias. De fazer de conta, de me esquecer do que meu pai fazia comigo naquele quarto trancado” (KRIEMLER, 2017,

---

<sup>18</sup> Para se ter uma ideia dessa situação, somente em 2004 a expressão “mulher honesta” foi retirada do Código Penal, em vigor desde 1940. Em vários artigos desse código havia a exigência de que a mulher fosse “honestas” para poder processar seu agressor – o que significa que, na prática, a própria lei, do modo como era redigida, limitava a possibilidade de as mulheres reagirem à violência. Além disso, somente em 2006 a Lei Maria da Penha foi sancionada (PEREIRAS E ARRUDA, 2020, p. 148-149).

<sup>19</sup> Cinthia Kriemler é carioca e mora em Brasília desde 1969. Graduada e pós-graduada em Comunicação Social/Relações Públicas pela Universidade de Brasília, é Analista Legislativo da Câmara dos Deputados, desde 1998 (agora, aposentada). Começou a publicar contos e crônicas em 2007, no seu blog: <http://cinthiakriemler.blogspot.com> Tem cinco livros publicados pela Editora Patuá. Em 2018, foi finalista do Prêmio São Paulo de Literatura, com o seu romance de estreia “Todos os abismos convidam para um mergulho” Clube de autores. 2023. Disponível em: <https://clubedeautores.com.br/livros/autores/cinthia-kriemler>. Acesso em: 11 nov. 2023.

p. 209), enunciando uma vontade de falar, um desejo de dizer, que representa o cansaço das mulheres frente ao esquecimento forçado das violências sofridas no contexto da sociedade brasileira, sobretudo da violência sexual. Nesse sentido, Beatriz nos conta que esse apagamento memorialístico não se deu em função das memórias das surras, porque “a pele dói, mas esquece”, mas em função do encobrimento do que vinha em seguida, que lhe era impossível de esquecer, a saber “quando ele (meu pai), se ajoelhava ao meu lado, cinto na mão, e me dizia para ser uma boa menina. Quando ele tocava o meu corpo com aquelas mãos nojentas. Quando ele me obrigava a segurar aquele pau desgraçado. E depois me estuprava” (KRIEMLER, 2017, p. 209).

Portanto, as memórias que Beatriz era obrigada a apagar eram as memórias do estupro sofrido pelo pai, pois mesmo tendo contado para a sua mãe, esta não lhes prestou o apoio que necessitava, tendo recebido o pedido de socorro da filha como uma invenção, uma fantasia de sua imaginação, como Beatriz nos conta: “sabe quantas vezes eu contei à minha mãe sobre os abusos? E ela me repetia a mesma frase: Para de inventar essas coisas, menina! Até que eu parei. Mas parei foi de contar pra ela” (KRIEMLER, 2017, p. 209).

Beatriz parou de contar para a mãe, mas não para si, posto que as cenas dos vários estupros que sofreu emergiam em suas memórias, assolando-a dia e noite sem parar enquanto um passado que não passa. Por outro lado, também se manifestavam em sua vida, quando ela fazia de tudo para resgatar “crianças e adolescentes de homens como o seu pai, de mulheres como sua mãe”, pois se enxergava em cada um deles (KRIEMLER, 2017, p. 210).

Poder dizer e falar com todas as palavras: estupro! Converteu-se na marca das escritoras brasileiras no século XXI, contexto em que as sufocadas vocações literárias femininas podem respirar livremente, enunciando e denunciando o que antes eram forçadas a esquecer, visto que na tradição ocidental masculina, em especial no Brasil, tanto o incesto quanto o estupro são obscurecidos e naturalizados “como se o ato sexual sem o consentimento da mulher fosse normal” (FIGUEIREDO, 2020, p. 265). Nesse sentido, essas vozes desnaturalizam e questionam o estatuto de normalidade dessas práticas, que a tradição falocêntrica atribuiu e naturalizou, através da literatura.

Por conseguinte, para além do caráter contestatório, essa narrativa feminina cumpre um papel de reorientação da vida das sobreviventes de uma violação sexual. Posto que narrar para viver, narrar para se recompor e ressignificar seus traumas vividos é um outro aspecto dessa escrita sobre o corpo. É nesse sentido que a partir de sua narração, Beatriz nos diz que não quer “se reconciliar com ninguém”, nem consigo mesma, posto que o que ela busca e quer é a recomposição, a reorganização do seu eu que foi ferido, quiçá destruído, pelo estupro que sofreu, por esse motivo nos diz: “o que eu quero é me recompor” (KRIEMLER, 2017, p. 210).

Se recompor é o afã de Beatriz na ficção, mas o desejo de um corpo feminino violado na realidade da vida. Por esse motivo, as vozes que se fazem ouvir na sala, não só denunciam os abusos e violências sofridas por esse corpo, como também se reorientam e orientam no sentido da produção de um discurso sobre o corpo que visa a recomposição, a saber a reorganização de si, a partir de um olhar para dentro de si e para fora de si, em um processo de rememoração, através do qual passam as suas vidas a limpo para quem sabe conseguirem se curar e sobreviver.

Por fim, a proliferação de obras literárias, de autoria feminina a partir dos anos 2000, teve como mote esse duplo movimento de contestação e

ressignificação, mas também de (re)educação das subjetividades e sensibilidades, objetivando a quebra do silêncio e a superação do tabu acerca desse corpo feminino violado no contexto da sociedade brasileira contemporânea. Sendo assim, essas autoras falaram e falam do que viveram e vivem, do que viram e ouviram, resistindo, denunciando e combatendo a violação dos seus corpos, mas também, reivindicando, através da palavra escrita, o reconhecimento dos seus direitos humanos, dentre eles, a proteção da integridade de seus corpos, ainda violados.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desse percurso narrado, que teve como objetivo discutir e problematizar as condições de emergência do corpo feminino, vítima de violência sexual, na literatura brasileira de autoria feminina, localizando esse acontecimento na década de 1970 para posteriormente refletir acerca dos seus desdobramentos no século XXI, pudemos perceber toda uma história de lutas e reivindicações a partir da qual construímos a ideia de que a emergência do corpo feminino vítima de violência sexual emergiu na literatura contemporânea como um sintoma da chegada do feminismo ao Brasil, sobretudo a partir da década de 1970, período em que esse movimento teve como principais bandeiras ou pautas a sexualidade, o direito ao prazer e ao aborto.

Para tanto, recuamos um pouco no tempo, até o século XIX, quando pensamos o processo de proveniência de uma escrita feminina em nosso primeiro tópico. Por conseguinte, mergulhamos na década de 1970, pensando a instituição do ano de 1975 enquanto o Ano Internacional da Mulher pela ONU, apontando sua importância e papel nesse processo de emergência do corpo feminino violado enquanto objeto da escrita feminina, para então, em nosso terceiro tópico, refletir acerca da transposição do corpo feminino violado do sótão à sala, a partir da publicação dos romances de Lygia Fagundes Telles e Lya Luft. Essas duas escritoras foram vozes que ecoaram e se refletiram em nosso último tópico, no qual apontamos as vozes que se fazem ouvir na sala, a exemplo da paraibana Marília Arnaud e da brasileira Cinthia Krimler, entre outras que ousaram e ousam narrar o inenarrável no século XXI, a saber: o corpo feminino sexualmente violado.

Através desse percurso, nos foi descortinado um novo mundo. Um mundo sombrio, macabro e silencioso onde a regra é a da violação sexual dos corpos femininos e seu conseqüente desamparo, no contexto da ordem patriarcal estabelecida. Mas também, nos foi possível perceber que luzes foram acesas na penumbra desse mundo não dito ou maldito, quando desde o século XIX, com a emergência do feminismo, as mulheres passaram a tomar a palavra para reescrever e inserir as suas histórias no contexto do texto desse mundo em que eram e ainda o são violentadas e exploradas.

Nesse sentido, compreendemos o poder da palavra enquanto construtora de novos mundos, bem como de recompositoras de vidas, fato que marcou e marca a escrita literária feminina, através da qual as mulheres puderam e podem passar a limpo suas vidas para continuarem vivendo após a violação sexual dos seus corpos e o conseqüente desrespeito aos seus direitos humanos.

Além disso, pudemos atestar a pertinência da nossa hipótese, segunda a qual a escrita sobre o corpo só foi possível a partir da década de 1970 com o ressurgimento do feminismo no contexto da Guerra Fria. Desse modo, essas mulheres, após aprenderem a pensar e a expressar o que pensavam e terem conquistado o direito a ter direitos, cidadania, passaram a utilizar a literatura

enquanto um espaço de resistência à ordem patriarcal estabelecida, enquanto um mecanismo de denúncia da violação sexual dos seus corpos, mas também enquanto um meio pelo qual podem reivindicar melhorias na forma como são tratadas. Por meio da escrita literária abordaram o respeito aos seus direitos humanos e o impulso de reeducar as massas através da geração de um debate público pelas via desse gênero textual que tornaria possível compreender aspectos da sua condição no contexto social, cultural, político e econômico.

Por esse motivo, aprendemos a importância da literatura feminina para uma melhor compreensão e percepção da real condição das mulheres no contexto da sociedade brasileira. Fato que aponta para a necessidade de se falar e divulgar essa literatura feita por mulheres que narram a si mesmas e os seus traumas, dilemas e violências, que ferem seus corpos e afetam as suas consciências.

Por fim, ante todo esse processo de pesquisa e escrita, pude perceber o quão difícil e complexo é o ato de pesquisar e escrever, sobretudo acerca de um tema tão sensível e necessário como a história dos ditos e escritos sobre o corpo feminino violado. Processo que me levou a repensar e a me questionar várias vezes acerca da minha postura de pesquisador, quanto a minha vocação para esse ofício e importância de se falar acerca dessa temática.

Enquanto resultado dessa reflexão, ante esse árduo processo que me tomou mais de um ano de vida, percebi a importância de continuar produzindo acerca desse assunto pouco falado. Me senti diversas vezes provocado a quebrar o silêncio cruzado que há muito foi posto sobre o corpo feminino violado, um tema-tabu.

Dessa provocação, nasceu esse primeiro texto em que me debrucei acerca da emergência desse novo objeto de escrita literária feminina. Agora, uma nova possibilidade de pesquisa se abre ante o horizonte de minha vida acadêmica, a saber: como a escrita feminina acerca do corpo feminino violado pode ser utilizada enquanto recurso pedagógico no processo de reeducação das subjetividades e sensibilidades masculinas? Daí pensar, o que leva os homens a violarem os corpos e os direitos humanos das mulheres, seria uma falha na educação das suas subjetividades? Nesse sentido, a perspectiva feminina nos serviria enquanto um recurso a (re)construção de um mundo mais ético, consertado e apaziguado, inclusivo e igualitário, ou melhor dizendo, humano?

## REFERÊNCIAS

- ABDULALI, Shaila. **Do que estamos falando quando falamos de estupro**. São Paulo: Vestígio, 2019. 253 p. Luis Reyes Gil.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de et al (org.). **Cartografias de Foucault**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- ARAÚJO, Ana Paula. **Abuso: a cultura do estupro no brasil**. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2020.
- ARNAUD, Marilia. **Suíte de silêncios**. Rio de Janeiro: Rocco, 2012. 190 p.
- ARTÈRES, Philippe (org.). Michel Foucault: a literatura e as artes. São Paulo: Rafael Zamperetti Copetti Editor, 2014.
- BANDEIRA, Lourdes; MELO, Hildete Pereira de. **Tempos e Memórias: movimento feminista no brasil**. Brasília: Secretaria de Políticas Para As Mulheres – SPM, 2010.
- BEI, A. **O peso do pássaro morto**. São Paulo: editora Nós, Edith, 2017.
- BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BRACHER, Beatriz. **Anatomia do Paraíso**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2026. 328 p.
- CARDOSO JUNIOR, Hélio Rebello. Para que Serve uma Subjetividade? foucault, tempo e corpo. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Curitiba, p. 343-349, 2005.
- COSTA, Ana Alice Alcantara; SARDENBERG, Cecília Maria B. (org.). **O Feminismo no Brasil: reflexões teóricas e perspectivas**. Salvador: Fast Design - Prog. Visual Editora e Gráfica Rápida Ltda, 2008. Disponível em: <http://www.neim.ufba.br/site/arquivos/file/feminismovinteanos.pdf> . Acesso em: 24 ago. 2023.
- COSTA, Jéssica Fraga da. **ENTRE A ESCRITA E O SILÊNCIO: escritoras brasileiras do século xix e história da literatura**. 2022. 174 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul –, Porto Alegre, 2022.
- COSTA JÚNIOR, José dos Santos. **MAL-ESTAR NA HISTÓRIA DA INFÂNCIA: a invenção do menor infrator no brasil contemporâneo**. 2021. 504 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.
- COURTRINE, Jean-Jacques. **Decifrar o Corpo: pensar com Foucault**. Petrópolis, Rj: Editora Vozes, 2013.

CRESCÊNCIO, Cintia Lima. **VEJA O FEMINISMO EM PÁGINAS (RE) VIRADAS (1968-1989)**. 2012. 201 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. 10. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2019.

DORNELLES, Danielle Santos. "**A começar hoje, a começar por nós**": o ano internacional da mulher nas páginas da folha de são paulo (1975). 2017. 65 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Universidade Federal de Santa Catarina (Ufsc), Florianópolis, 2017.

FALKS, Maya. **Histórias de minha morte**. Caxias do Sul: Belas-Letras, 2017.

FIGUEIREDO, Eurídice. **Por uma crítica feminista: leituras transversais de escritoras brasileiras**. Porto Alegre: Zouk, 2020. 384 p.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz&Terra, 2022.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022. 431 p.

FRAZÃO, Dilva. **Lygia Fagundes Telles: escritora brasileira**. 2019. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/lygia\\_fagundes\\_telles/](https://www.ebiografia.com/lygia_fagundes_telles/). Acesso em: 30 out. 2023.

FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia**. Tradução de Marilene Carone. Apresentação e notas da tradutora. Apresentação de Maria Rita Kehl. Posfácio de Urania Tourinho Peres. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

FUENTES, Susana. Luzia. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011.

GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. – 23ª ed. – Rio de. Janeiro: Record, 2020.

KRIEMLER, Cinthia. **Todos os abismos convidam para um mergulho**. São Paulo: Patuá, 2017.

LEVY, Tatiana Salem. **Vista chinesa**. São Paulo: Todavia, 2021.

LISBOA, Adriana (2001). **Sinfonia em branco**. Rio de Janeiro: Rocco.

LUFT, Lya. **As parceiras**. 26. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013. 127 p.

MEDEIROS, Amira Rose *et al* (org.). **Artemísias: vozes de libertação**. Recife: Mirada, 2021. 91 p.

MELO, Patrícia. **Mulheres empilhadas**. São Paulo: Leya, 2019.

MÉNDEZ, Natalia Pietra. **COM A PALAVRA, O SEGUNDO SEXO: percursos do pensamento intelectual feminista no brasil dos anos 1960**. 2008. 301 f. Tese

(Doutorado) - Curso de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

MIERLING, Rô. **Diário de uma escrava: visceral e verdadeira**. Rio de Janeiro: Darkside, 2016. 224 p.

MOREIRA, Natali Francine Cinelli; AGOPYAN, Kelly Komatsu. **A potência feminista a partir de um olhar histórico**: a tribuna da primeira conferência mundial da mulher e o desejo de transformar tudo. *Conjuntura Austral*, Porto Alegre, v. 12, n. 60, p. 107-122, out. 2021.

MUZART, Zahidé Lupinacci (org.) **Escritoras brasileiras do século XIX**. Antologia. Florianópolis/Santa Cruz do Sul, Mulheres/Edunisc, 1999.

NEGREIROS, Adriana. **A vida nunca mais será a mesma: cultura da violência e estupro no Brasil**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2021.

NOSSA CAUSA. **Conquistas do feminismo no Brasil: uma linha do tempo**. Disponível em: [https://nossacausa.com/conquistas-do-feminismo-no-brasil/?gclid=Cj0KCQjw8NilBhDOARIsAHzpbLDmCiXf-JWF6lt5KZUZ4I7vJsLtFdTStvcbK5e-T8LYfMA2Bzf-S8aAjvtEALw\\_wcB](https://nossacausa.com/conquistas-do-feminismo-no-brasil/?gclid=Cj0KCQjw8NilBhDOARIsAHzpbLDmCiXf-JWF6lt5KZUZ4I7vJsLtFdTStvcbK5e-T8LYfMA2Bzf-S8aAjvtEALw_wcB). Acesso em: 20 jul. 2023.

PEREIRA, M. do R. A.; ARRUDA, A. A. O estupro em duas narrativas de autoria feminina contemporânea. *Revista Criação & Crítica*, [S. l.], n. 29, p. 145-160, 2021. DOI: 10.11606/issn.1984-1124.i29p145-160. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/171735> . Acesso em: 23 nov. 2023.

PESAVENTO, S. J. O mundo como texto: leituras da história e da literatura. *Revista História da Educação*, [S. l.], v. 7, n. 14, p. 31–45, 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30220> . Acesso em: 6 nov. 2023.

RAGO, Margareth. **Descobrimos historicamente o gênero**. Cadernos Pagu, Campinas, n. 11, 1998.

RIBEIRO, Djamila. **O que é Lugar de Fala**. Belo Horizonte: Editora Letramento, 2017.

SAAVEDRA, Carola. **Com armas sonolentas**: um romance de formação. São Paulo: Companhia das Letras, 2018

SARTI, Cynthia Andersen. **O feminismo brasileiro desde os anos 1970**: revisitando uma trajetória trajetória. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 2, n. 12, p. 35-50, mar. 2004.

SCHMIDT, Simone Pereira. **O feminismo nas páginas dos jornais**: revisitando o Brasil dos anos 70 aos 90. In: *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 8, n. 2, 2000.

SILVEIRA, Maria José. **Maria Altamira**. São Paulo: Editora Instante, 2020. 280 p.

SMANIOTO, Sheyla. **Desesterro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015. 304 p.

TELLES, Lygia Fagundes. **As meninas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

VIDAL, Paloma (2012). **Mar azul**. Rio de Janeiro: Rocco Digital [Kindle].

VIGARELLO, Georges. **História do estupro: violência sexual nos séculos xvi-xx**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

VIGNA, Elvira. **Por escrito**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2014. 312 p.

## AGRADECIMENTOS

Ao adentrar os meandros da minha jornada acadêmica, é impossível não rememorar os primeiros passos hesitantes, carregados de expectativas e incertezas. Recordo-me das longas noites de estudo, das lágrimas derramadas diante dos desafios e das risadas compartilhadas com amigos que se tornaram pilares sólidos em meio à tempestade. Cada capítulo dessa trajetória é marcado por aprendizados inestimáveis, por vínculos afetivos que ultrapassam os muros das salas de aula e por momentos de superação que me moldaram como indivíduo e acadêmico.

Nessa jornada repleta de desafios e vitórias, agradeço profundamente a todos que estiveram ao meu lado, contribuindo de maneiras únicas e significativas para o meu crescimento pessoal e profissional. Primeiramente, expresso minha gratidão a Deus, cuja luz guiou meus passos nos momentos mais sombrios e cuja graça sustentou minha esperança nos períodos de desânimo. Aos meus pais, agradeço pelo constante apoio e cuidado. Meu irmão Dyego Mota, companheiro de vida, compartilho contigo nossos sonhos, afetos e desafios. A Jhonatan do Nascimento Silva, meu mentor, é a raiz de minha busca por crescimento pessoal e superação.

À medida que reflito sobre cada fase da minha trajetória acadêmica, percebo o impacto profundo de cada encontro, desafio e conquista ao longo do caminho. Cada obstáculo superado foi uma oportunidade de crescimento e aprendizado, moldando não apenas meu conhecimento, mas também minha perspectiva de mundo e minhas habilidades interpessoais.

Ao refletir sobre os inúmeros momentos que moldaram minha trajetória acadêmica, não posso deixar de expressar um agradecimento especial a Pedro dos Anjos, minha rocha inabalável. Sua orientação e presença constante foram a âncora que me sustentou nos mares turbulentos da graduação. A Larissa Gondim, amiga amada, também merece uma menção especial. Sua presença e apoio foram fundamentais em cada desafio enfrentado, e por isso, expresso minha profunda gratidão.

Larissa de Oliveira, tua leveza, carinho e afeto têm sido fontes inestimáveis de apoio, e agradeço por tua dedicada amizade e cuidado ao longo dos anos. A todos os colegas de curso que percorreram as veredas da história comigo, como Ana Carolina, Francisco José Lira, Anderton Guimarães, Jalidiane Moura Queiroga, Juliana Guedes, Ruth Margareth, Raphael Calebe, Mayara Campos Pires, Jilton Lucena, Well Jr., Humberto Serafim, Tamires Santos, entre outros, meu profundo agradecimento.

Além dos agradecimentos já mencionados, gostaria de destacar a importância de cada professor que cruzou meu caminho ao longo da jornada acadêmica. Cada um deles contribuiu não apenas para o meu desenvolvimento acadêmico, mas também para o meu crescimento pessoal e profissional. Seus ensinamentos, orientações e exemplos moldaram minha visão de mundo e influenciaram minhas escolhas e aspirações futuras.

Agradeço à minha fada intelectual, Leticia Costa, por manter viva a chama do meu fazer acadêmico apesar da distância. A Itamar Mateus, mesmo ausente, permanece em minhas mais belas memórias. A Keven Jordan, pelos cafés filosóficos nos tempos de obscurantismo e pelas conversas profundas que moldaram meu pensamento.

À Beatriz Pereira da Silva, a quem aprendi a amar e com quem compreendi o verdadeiro significado do amor, dedico uma parte especial de minha gratidão. Seu impacto positivo em minha vida é inegável, e por isso, expresso minha eterna gratidão.

À Epitácio da copiadora, a quem carinhosamente chamo “Papai-Pitácio” por ter me acolhido como um filho. A Sérgio da lanchonete, por alimentar meu corpo e a minha alma com boas conversações.

Ao orientador, José dos Santos Costa Júnior, minha gratidão por sua paciência, cuidado e perseverança. Aos professores Hilmária Xavier Ribeiro, Auricélia Lopes, Matusalém, Ofélia Maria de Barros, Patrícia Aragão, José Adilson Filho e Alana de Moraes, agradeço pela orientação e aprendizado. A Emerson, secretário da coordenação, meu especial agradecimento pela eficiência e apoio ao longo do meu percurso acadêmico.

Aos familiares de Pedro dos Anjos: José Etelmacy, Maria da Guia, Maria Gorete Lira dos Anjos, Maria das Neves e Bárbara dos Anjos que se tornaram minha família; a Lourivan Mota e Família e a todos os amigos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste sonho, meu eterno reconhecimento. Ao grande ponto de equilíbrio, Clodoaldo Silvestre, mentor, pai e amigo mais chegado que um irmão, agradeço por sua constante presença. À Graça, gestora do Sistema Educacional Areiense, por acreditar no meu sonho.

Aos professores do ensino médio Hallan Grigorio, Valdir Filho, Josefa Hermenegildo e Edézio Virginio Dias, meu reconhecimento pela base sólida que proporcionaram para minha trajetória acadêmica. A Ariones Costa e toda a equipe Ari Pinturas, meu agradecimento pela compreensão e apoio em momentos desafiadores. A Jeferson Vicente, grande amigo, meu apreço por sua amizade constante.

Por fim, à Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e a todos que, mesmo não mencionados neste momento, foram essenciais para a construção desta trajetória na graduação e para a conclusão deste trabalho, minha eterna gratidão.

Neste agradecimento, busquei expressar a magnitude do impacto que cada pessoa teve em minha vida, formando um mosaico de apoio, aprendizado e conquistas que define a minha jornada acadêmica. Agradeço a todos que, de alguma forma, fizeram parte dessa trajetória e me ajudaram a alcançar este momento tão significativo. Que esta gratidão ecoe como um reconhecimento sincero da importância de cada um de vocês em minha jornada.